

CENTRO UNIVERSITÁRIO BELAS ARTES DE SÃO PAULO
INICIAÇÃO CIENTÍFICA
GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

FERNANDA FERREIRA MATOS

O HOMEM E A ARQUITETURA:
A TRANSIÇÃO DO MODERNO AO PÓS-MODERNO

São Paulo

2013

FERNANDA FERREIRA MATOS

O HOMEM E A ARQUITETURA:

A TRANSIÇÃO DO MODERNO AO PÓS-MODERNO

Artigo Científico apresentado à Coordenação de Iniciação Científica como requisito à obtenção do certificado de conclusão da pesquisa desenvolvida no curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Belas Artes de São Paulo.

Orientador: Prof. Dr. Ademir Pereira dos Santos

São Paulo

2013

RESUMO

Este artigo busca compreender as necessidades do homem em relação à arquitetura que impulsionaram a transição da arquitetura moderna para a pós-moderna na tentativa de resgatar a identidade, a qualidade simbólica dos edifícios e atender às expectativas humanas de forma a reestabelecer o contato entre as pessoas e a arquitetura através da experiência espacial, das sensações e das emoções que a arquitetura é capaz de provocar, trabalhando além do aspecto funcional. Utiliza como referência autores que tratam da questão da sensação e da percepção como elemento definidor da produção e uso do espaço, numa perspectiva crítica aos conceitos da arquitetura moderna.

Palavras-chave: Arquitetura Moderna; Pós Modernismo; Semiótica.

ABSTRACT

This article aims to comprehend which of the human needs about architecture have stimulated the switch from modern to post-modern architecture, attempting to rescue the identity and the symbolic quality of buildings, and to attend human expectations in order to restore the contact between people and architecture through the spacial experience, the sensations and the emotions that architecture is able to induce when it handles beyond the functional features. It uses as reference authors that address the sensual issue and the perception as defining elements of production and use of the physical space in a critical perspective about the concepts of modern architecture.

Keywords: Modern architecture; Post-modern architecture; Semiotics.

1. INTRODUÇÃO

A arquitetura moderna, regida pela racionalidade e padronização, deixa a sensação de que falta algo entre os pilotis, janelas em fita e plantas livres. Apesar de toda sua funcionalidade, a experiência que ela proporciona não é completa, pois arquitetura não se faz apenas da construção de espaços úteis, mas das sensações que esse espaço projeta em um indivíduo.

Os espaços estéreis dessa arquitetura não eram compatíveis com as expectativas dos indivíduos. Frente a essa realidade, o ser humano se viu carente de significados e emoções na arquitetura que o rodeava, então surgiu o movimento pós-moderno, que questionava justamente se o movimento moderno supria efetivamente as necessidades humanas em relação à arquitetura, o lugar do homem no mundo.

Esta pesquisa surgiu a partir do questionamento de quais relações se estabelecem entre homem e arquitetura e que necessidades são essas, tão fortes a ponto de gerar um movimento contrário para resgatar a identidade dos edifícios e sua capacidade de exercer influência sobre o ser humano.

2. OBJETIVOS

Esta pesquisa busca compreender a rejeição da arquitetura moderna e o surgimento do movimento pós-moderno com o intuito de atender mais profundamente às necessidades do homem em relação à arquitetura, não só no aspecto funcional, mas também no que diz respeito às sensações.

3. METODOLOGIA

A metodologia aplicada neste trabalho consiste na leitura e revisão da bibliografia sobre a temática, com o objetivo de analisar a teoria de diferentes autores a respeito das relações que se estabelecem entre o homem e a arquitetura, buscando explicar a rejeição da arquitetura moderna e o surgimento da arquitetura pós-moderna em resposta ao estilo anterior.

4. DESENVOLVIMENTO

4.1. INTRODUÇÃO À ARQUITETURA MODERNA

A arquitetura moderna surgiu na Europa no início do século XX em contraposição ao passado e à continuidade do emprego dos conceitos e valores historicistas que regiam a prática até o final do século XIX.

O período após a Segunda Guerra mundial, caracterizado pela necessidade de reconstruir cidades inteiras, abriu o caminho para a industrialização e gerou uma arquitetura de forte discurso social e produção em massa, mudando a forma de morar que se conhecia até então. O resultado foi uma arquitetura estritamente racional e funcional, marcada pelo rompimento com a história, abolição do ornamento e do simbolismo na arquitetura, e que criou o “estilo internacional”, padronizando o homem e suas necessidades, construindo uma “máquina de morar”, espelhando os ideais industriais.

A primeira reação a esse novo modelo foi o afastamento do público, que não gostava das “caixas de sapato” tão impessoais, vazias de significado.

4.2. TRANSIÇÃO AO PÓS-MODERNISMO

Essa forma tão “dura” de produzir arquitetura logo provocou a crítica de suas doutrinas e a criação de um movimento contrário a partir do final da década de 1960. O pós-modernismo buscava o resgate do ornamento, da identidade, da qualidade simbólica da arquitetura além das características meramente construtivas, reestabelecendo o contato entre as pessoas e a arquitetura através do significado.

4.3. CHARLES SANDERS PEIRCE

Charles Sanders Peirce foi pioneiro na ciência chamada de ‘semiótica’, que estudaria os signos em geral. Toda sua teoria se baseia em três categorias, conhecidas como a tríade de Peirce, segundo as quais o indivíduo percebe tudo que aparece à sua mente, toda experiência, em três níveis de reconhecimento: primeiridade, secundidade, terceiridade.

A primeiridade é a primeira sensação ao vivenciar uma experiência. Essa primeira consciência é frágil, espontânea, livre e pura. É tudo que vem à mente do indivíduo num primeiro momento, sem relação com o pensamento racional, e revela a qualidade da experiência.

A secundidade é quando a mente reage à experiência da primeiridade, quando ela analisa e reconhece o objeto.

A terceiridade é o pensamento em signos. É a leitura ou interpretação do objeto de acordo com a experiência de vida do indivíduo, sua ‘experiência colateral’, podendo conectar o objeto a uma série de elementos externos.

Para Peirce também existem três tipos de signo, cada qual relacionado a uma categoria da tríade:

O ícone é um signo que não significa nada: existe em função do objeto, sem intenção de representar nada além dele próprio. Este signo é determinado por seu objeto, compartilha características dele, exibindo-as em si¹. Ex: fotografias, desenhos.

Os índices são signos que apontam para fora de si em direção ao objeto. Devem possuir alguma relação com o objeto, como por exemplo, de contraste ou contiguidade. Ex: nuvem (signo de chuva), fumaça (signo de fogo)².

O símbolo não tem semelhança ou relação alguma com seu objeto. Para compreender um signo é necessário aprender o que ele significa³. Ex: logotipos de marcas.

4.4. ROBERT VENTURI

Em *Complexidade e Contradição em Arquitetura* (2004), Robert Venturi valoriza o homem e a influência do espaço em seu comportamento. Defende uma arquitetura complexa e contraditória, e atribui a essas características a transmissão de significados e emoções⁴.

Baseado nesse pensamento o arquiteto analisa, nesse livro, diversas obras de arquitetura em busca destes elementos que, segundo ele, resultam mais da instrumentalidade do que do programa do edifício⁵.

Venturi afirma que uma arquitetura complexa e contraditória é ambígua, e que essa característica, chamada por ele de *boa ambiguidade*, promove a riqueza de significado sobre a clareza deste⁶.

¹ PINTO, 1995, p. 24.

² PINTO, 1995, p. 28.

³ PINTO, 1995, p. 54.

⁴ VENTURI, 2004

⁵ VENTURI, 2004

⁶ VENTURI, 2004

Defende também a impossibilidade de alcançar uma leitura totalizante e completa da realidade⁷, uma vez que não existe a leitura correta, mas diferentes formas de olhar.

Venturi considera a arquitetura moderna excessivamente suave, segura, cuidadosa e reducionista, limitando o potencial dos edifícios através de soluções puras e tediosas⁸.

4.5. BERNARD TSCHUMI

O educador, teórico e arquiteto suíço Bernard Tschumi, em seu artigo “The Pleasure of Architecture” (1977), expõe o modernismo como uma arquitetura quieta, aceitável, na zona de conforto⁹.

Defende que, por um lado, a arquitetura é racional, conceitual, e por outro, é um evento empírico concentrado nos sentidos, na experiência espacial. Tschumi afirma que, nessa dualidade, o prazer da geometria, da ordem e do conceito são os prazeres da mente, e a experiência espacial é o prazer dos sentidos. Nem o prazer do espaço físico, nem o prazer da geometria são (sozinhos) o prazer da arquitetura: um está presente no outro e a junção dos dois, sim, é o prazer da arquitetura¹⁰.

Mas também existe prazer no conflito¹¹ entre o prazer sensual do espaço e o prazer da ordem: entre ordem e desordem, estrutura e caos, ornamento e pureza, racionalidade e sensualidade.

A arquitetura consiste em jogar com as regras¹² que, num primeiro momento, podem ser restritivas. Entretanto, quando manipuladas, se tornam instrumento de valorização da arquitetura, e à medida que aumenta a restrição, aumenta também o prazer de transgredilas.

A arquitetura se faz de máscaras¹³, elementos que “seduzem” ao mesmo tempo em que se colocam entre a realidade e o observador que, na tentativa de “ler” e compreender o edifício, percebe que não existe uma única leitura possível, uma vez que cada sistema de

⁷ VENTURI, 2004

⁸ VENTURI, 2004

⁹ TSCHUMI, 1977

¹⁰ “A arquitetura do prazer reside onde conceito e experiência espacial colidem e se fundem, onde a cultura da arquitetura é desconstruída e as regras são transgredidas.” (TSCHUMI, 1977, p. 217).

¹¹ TSCHUMI, 1977

¹² TSCHUMI, 1977, p. 215.

¹³ TSCHUMI, 1977. p. 216.

conhecimento obscurece outro¹⁴. E essa dificuldade de compreensão faz da descoberta parte do prazer em arquitetura¹⁵.

Num certo momento o autor também trata da arquitetura como um ícone, um signo por primeiridade, que não tem intenção de ser útil ou prazerosa, ou de representar algo além dela mesma. Para ele, essas características são indispensáveis à arquitetura do prazer.

Essa arquitetura é perversa, pois seu real significado está fora da utilidade ou propósito e no fim não está nem mesmo necessariamente destinada a dar prazer. A arquitetura do prazer depende de manter a arquitetura obcecada consigo mesma de uma forma tão ambígua a ponto de jamais render-se à boa consciência ou paródia, à debilidade ou neurose delirante. (TSCHUMI, 1977, 218)

4.6. MAURÍCIO PULS

No livro *Arquitetura e Filosofia* (2009), o sociólogo Maurício Puls define arte como um signo, um objeto que o homem reconhece como artístico porque diz algo sobre ele, porque o expressa e o representa. E apesar de externa ao homem, a obra exerce influência sobre ele, evoca emoções, transforma seu comportamento¹⁶.

O autor também estabelece diferenças entre o mundo natural e o mundo artificial, onde “os artefatos existem em função do homem, são meios para sua existência¹⁷” e divide esses artefatos entre os que possuem uma utilidade material e satisfazem as necessidades corporais do homem, e os que possuem uma utilidade ideal e expressam os pensamentos e sentimentos humanos. Explica, porém, que a arquitetura é mais complexa¹⁸, uma vez que é arte destinada à contemplação, mas também é construção, útil, que pode ser manipulada pelo homem e satisfaz suas necessidades físicas.

Frente essa ambiguidade, surgem duas formas de perceber o edifício: utilizando-o ou observando-o, e o significado atribuído à construção pode ser material ou ideal, dependendo da forma através da qual ela é percebida. O usuário vê o objeto de perto e, para ele, a construção é um bem.

¹⁴ TSCHUMI, 1977, p. 216.

¹⁵ TSCHUMI, 1977, p. 217.

¹⁶ PULS, 2009.

¹⁷ PULS, 2009, p. 10.

¹⁸ O prédio não existe unicamente como objeto para reflexão, mas como objeto para a vida: ele constitui um bem (valor-de-uso material) e um signo (valor-de-uso ideal). Sendo assim, o que é belo na arquitetura? (PULS, 2009).

O contemplador vê o objeto de longe e, para ele, o edifício é um signo que expressa o homem¹⁹. E para que o edifício seja capaz de expressar ambos, ele deve não somente possuir qualidades, mas demonstrar que as possui, “pois a beleza é uma propriedade que existe para o contemplador, não para o usuário²⁰”.

Acerca ainda da questão da ambiguidade, o autor defende que “um mesmo edifício pode ser avaliado como beleza pura (desvinculado de uma finalidade) e beleza aderente (subordinado a uma finalidade), e os dois juízos serão igualmente válidos²¹”.

Toda arquitetura é uma construção, mas nem toda construção é arquitetura²². Ao invés de somente satisfazer as necessidades humanas, a arquitetura expressa o homem. No entanto, os homens diferem entre si, fazendo com que a arquitetura não seja percebida e, portanto, avaliada da mesma forma por todos.

5. RESULTADOS

Os resultados da pesquisa mostram que alguns temas, como a falta de identidade da arquitetura moderna, as sensações, a percepção, os contrastes, a ambiguidade e a complexidade na arquitetura, se repetem e se complementam nas teorias analisadas, criando uma base sólida para afirmar que o homem necessita de uma arquitetura que lhe proporcione um deleite espiritual, algo além da funcionalidade.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relação do homem com a arquitetura vai além do racional. A utilidade dos espaços não deve ser menosprezada, uma vez que a funcionalidade é característica essencial da arquitetura. Porém o homem também busca nos edifícios características que o expressem e com as quais ele se identifique, espaços de qualidade que estimulem seus sentidos e lhe proporcionem uma experiência espacial completa e prazerosa. É nesse ponto que a arquitetura moderna perdeu seu lugar no gosto popular. Essa arquitetura fria, padronizada, vazia de significado, não expressa o homem em toda sua complexidade. Satisfaz suas necessidades físicas, mas não lhe proporciona o prazer das sensações, do inesperado, da descoberta e da emoção ao adentrar um edifício.

¹⁹ PULS, 2009.

²⁰ PULS, 2009, p. 20.

²¹ PULS, 2009.

²² PULS, 2009.

Foi esse sentimento de falta que desencadeou a negação da arquitetura moderna e a criação de um movimento antagônico que resgatasse o significado, o ornamento e a intenção em arquitetura. O movimento pós-moderno resgatou a importância do prazer e do caráter sensual dos espaços em experiências mais completas, que expressam com maior destreza a complexidade do ser humano, preenchendo a lacuna que a arquitetura moderna deixou em branco.

A compreensão das necessidades humanas em relação à arquitetura e aplicação desses conceitos poderá resultar em soluções integradoras mais assertivas e de maior qualidade para os espaços, gerando uma resposta positiva e maior satisfação dos usuários.

REFERÊNCIAS

COLIN, Silvio. **Arquitetura pós-moderna e a questão do significado**. 2010. Disponível em: <<http://coisasdaarquitetura.wordpress.com/2010/07/03/arquitetura-pos-moderna-e-a-questao-do-significado/>>. Acesso em: 04 set. 2013.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

PINTO, Julio. **1, 2, 3 da semiótica**. Belo Horizonte: UFMG, 1995.

PRIMEIRO, Segundo, Terceiro. Disponível em: <<http://interpretanteimediato.wordpress.com/tag/primeiridade/>>. Acesso em: 04 set. 2013.

PULS, Maurício. **Arquitetura e filosofia**. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2009.

RIBEIRO, Fabíola Macedo. **Insinuações semióticas em arquitetura**: do pós-modernismo aos *blobjects*. Trabalho Final de Pós-Graduação em Design – Departamento de Artes Visuais, PUC-Rio de Janeiro, 2004. Disponível em <<http://www.yumpu.com/pt/document/view/13006058/insinuacoes-semioticas-em-arquitetura-do-pos-puc-rio>>. Acesso em: 04 set. 2013.

TSCHUMI, Bernard. **The Pleasure of Architecture**. Architectural Design, 1977. p. 214-218. Disponível em: <http://media.crossfit.com/cf-video/Tschumi_PA_excerpts.pdf>. Acesso em 04 set. 2013.

VENTURI, Robert. **Complexidade e contradição em arquitetura**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.